

Um inventário alfabético da morte: *A enciclopéida dos mortos, de Danilo Kiš*

Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares¹ (UFMG)

Resumo

Estudo do livro Enciclopédia dos mortos, de Danilo Kiš, considerando o "gosto" pelo inventário e pelo arquivo, que é, na verdade, o projeto estético desse escritor "iugoslavo". Como o próprio Danilo Kiš afirmara várias vezes, refletindo sobre o seu modo de conceber a atividade literária, seu desejo era escrever um livro-enciclopédia cuja organização seria estabelecida através de uma polifonia de vozes, registros e formas. Contudo, entre essa plethora de elementos dispersos, haveria um liame estabelecido pelo princípio analógico. No caso de Enciclopédia dos mortos, o tema da morte funciona como um nódulo organizador das narrativas. Analisa-se, portanto, a tentativa sistemática de Kiš em construir esse "Livro-total", articulado à temática da morte.

Palavras-chave: dialogismo, arquivo, memória, literatura iugoslava.

A trajetória ficcional de Danilo Kiš assume a forma de um arquivo. Essa premissa aparece como hipótese primeira de leitura de diversos comentadores de sua obra. Sem pretender ser exaustivo, cito: Leyla Perrone-Moisés – O inventário de Danilo Kiš –; Alexandre Prstojevic – Un certain goût de l'archive (Sur l'obsession documentaire de Danilo Kiš) –; Massimo Rizzante – De l'idéal encyclopédique –; Lakis Proguidis - Danilo Kiš, portrait de famille –; Aleksandar Jovanovic – Danilo Kiš: memória, catástrofe e vazio metafísico. Também, em uma entrevista concedida em fins de 1973, um ano após a publicação de *Sablier*,¹ Danilo Kiš deixa evidente esse "gosto" pelo inventário e pelo arquivo, que é na verdade o seu projeto como escritor:

Meu ideal era, e ainda é um livro que se pudesse ler(...) como uma enciclopédia (leitura favorita de Baudelaire e não somente dele), a saber: em uma alternância brutal e vertiginosa de conceitos, submetidos às leis do acaso e da ordem alfabética (ou outra), na qual se sucedem os nomes de pessoas célebres e suas vidas reduzidas ao mínimo exato: vida de poetas, de pesquisadores, de políticos, de revolucionários, de médicos, de astrônomos, etc., divinamente misturadas aos nomes de plantas e sua nomenclatura latina, nomes de desertos e saibreas, nomes de deuses antigos, nomes de regiões, nomes de cidades; a prosa do mundo. Estabelecer entre eles uma analogia, encontrar as leis da coincidência. (KIŠ. Citado por RIZZANTE. Disponível em: < <http://www.vox-poetica.com/ecrivains/KIS/rizzante01.htm> > [tradução minha]).

A matéria de que tratam as narrativas de Danilo Kiš, os seus textos-enciclopédia – marcados pela taxonomia e pelas formas repertoriantes – pode ser definida, para dizer com Jacques Derrida, como os "arquivos do mal," os desastres que marcaram o século XX: a experiência dos judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial e a emergência do fenômeno totalitário a partir das

¹ *Sablier (Pescanik)*[Ampulheta](1972) fecha o chamado *Circo da família*, composto por *Chagrins précoces (Rani jadi)*[Primeiros sofrimentos](1969) e *Jardim, cinzas (Basta, pepo)* (1965), textos de forte teor autobiográfico. As três narrativas compreendem o que Danilo Kiš chama de "literatura de apredizado" e apresentam três pontos de vista – o olhar da criança, em *Chagrins précoces*; o olhar do escritor que trinta anos depois confunde-se com a criança que ele foi, em *Jardim, cinzas*; o desaparecimento da perspectiva da criança e a ênfase na figura do pai, em *Sablier* – a respeito do desaparecimento de judeus húngaros na Iugoslávia ocupada pelos fascistas durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1989, ano da morte de Danilo Kiš, os três livros seriam publicados na França em um mesmo volume intitulado *Le cirque de famille (Chagrins précoces, Jardin, cendre, Sablier)*, edição revista e modificada pelo próprio autor. Há uma edição compilada em servo-croata, que saiu em Belgrado em 1993 [*Porodichni cirkus (Rani jadi, Basta, pepo, Pescanik)*].

estruturas e dos mecanismos do stalinismo. Um exemplo significativo, talvez o mais emblemático, dessas formas repertoriantes encontra-se no romance **Jardim, cinzas**. No livro, a personagem Eduard Scham, pai do narrador da história, Andi Scham, também, assim como o pai de Danilo Kiš, desaparecerá em Auschwitz. Eduard é uma espécie de profeta louco que trabalha durante anos sobre um guia chamado **Guia das vias de comunicação terrestres, marítimas, ferroviárias e aéreas**, que nasce da ambição inicial de responder à pergunta (enigma): "como ir à Nicarágua?", e termina transformando-se em um borgiano compêndio cosmológico, para cuja documentação ele consulta "uma enorme bibliografia sobre os assuntos mais variados, em quase todas as línguas da Europa." Danilo Kiš chega a listar cerca de duzentas disciplinas e assuntos que Eduard teria consultado. (Cf. KIŠ, 1986. p.43-51).

A obsessão documental condiciona a construção da obra de Danilo Kiš e dá sentido aos múltiplos nós das malhas da memória das catástrofes que o preocupam. O autor concebe, portanto, a atividade literária como um imenso arquivo organizado a partir de uma polifonia de registros e estilos, que visa "registrar em frágeis palavras a totalidade da experiência humana." (PERRONE-MOISÉS, 1990. p.157)

O livro de Danilo Kiš no qual o seu "ideal enciclopédico" se manifesta de forma mais explícita é, como o próprio título denuncia, **Encyclopédie des morts (Enciklopedija mrtvih)**, 1983), composto de nove contos e um **post-scriptum** que tratam da temática da morte em diferentes períodos – da época da morte de Cristo ao início dos anos 80 do século XX. O tema da morte funciona como um nódulo organizador do livro, enquanto as diferentes temporalidades se atravessam a partir dessa proposição e da reentrância de motivos e detalhes comuns ao longo das narrativas. Procedimento semelhante já fora utilizado pelo autor em **Um túmulo para Boris Davidovitch** (1976). Autores como Massimo Rizzante e Guy Scarpetta irão denominar esse procedimento de "lógica das coincidências," que seria acionada a partir do princípio da contigüidade.

O conto que empresta o título ao livro – "A enciclopédia dos mortos (toda uma vida)" – é a representação explícita da obsessão inventarista de Danilo Kiš. Nele, a narradora é uma pesquisadora que visita a Suécia, a convite do Instituto de Pesquisa Teatral. Duas peças são citadas no início do conto, **Esperando Godot**, de Samuel Beckett, encenada na prisão central de Estocolmo, para um público composto de prisioneiros, e **A sonata dos espectros**, de Auguste Strindberg. É justamente após assistir a uma montagem desta última que a narradora encontra, na Biblioteca Real, um arquivo no qual estão registradas as biografias completas de pessoas comuns que já morreram, a célebre "Enciclopédia dos mortos". O tom onírico da peça de Strindberg está presente no conto – as teias de aranha que pendem das estantes balançadas por uma corrente de ar vinda não se sabe de onde, as pesadas correntes que prendem os livros, sendo que a entrada da pesquisadora na Biblioteca Real é comparada à sua entrada na prisão central para assistir a montagem de **Godot**. Além disso, a pesquisadora nomeia o porteiro da biblioteca de Cérbero, "o cão do Hades", um dos monstros que guardavam o reino dos Mortos: impedia que os vivos lá entrassem e, sobretudo, que alguém de lá saísse. (Cf. GRIMAL, 1997, p.83). A visita à Biblioteca Real e o encontro com a Enciclopédia dos mortos estarão intimamente relacionados com a morte do pai da narradora, dois meses antes da visita à Suécia. Na letra "M" – cada sala desse "palácio de sonhos" é destinada a uma letra do alfabeto –, a pesquisadora encontrará o relato detalhado da vida inteira de seu pai. A partir desse momento, o conto passa a ser a transcrição abreviada que a pesquisadora vai fazendo desse verbete. Lendo lentamente as páginas, abundantes de detalhes, ela perde a noção do tempo e mergulha em todas as circunstâncias – centenas de documentos cuidadosamente reunidos por misteriosos autores –, que envolveram a vida de seu pai.

Como a pesquisadora logo perceberá, a única condição para fazer parte desse "inventário alfabético da morte"² era que a pessoa não figurasse em nenhuma outra enciclopédia. Segundo o "programa" e o "projeto" da Enciclopédia dos mortos, caracterizado pela narradora como "democrático," todos merecem um lugar igual na "eternidade" das páginas da enciclopédia, além disso, não há em uma vida detalhes insignificantes nem hierarquia de eventos. Nas palavras da pesquisadora, o que tornava a Enciclopédia singular em seu gênero, além do fato de tratar-se de um único exemplar, era a maneira como eram descritas as relações humanas, os encontros, as paisagens; "essa multidão de detalhes que compõem uma vida humana." (KIŠ, 1985. p.46 [tradução minha]) E tão espantoso quanto a maneira discreta com que a casta de responsáveis pela Enciclopédia dos mortos iam pesquisando e "dissecando" necrológios e biografias, era o estilo desses enciclopedistas, caracterizado pela narradora como um:

(...) incrível amálgama de concisão enciclopédica e de eloquência bíblica. (...) Parágrafo após parágrafo, cada episódio é narrado em uma espécie de quintessência e de metáfora líricas, nem sempre cronologicamente, mas em uma estranha simbiose de tempos, passado, presente e futuro. (KIŠ, 1985. p.48-49 [tradução minha])

Danilo Kiš, no *Post-scriptum* do livro, no qual desvela e também dissimula uma série de referências e explicações sobre a gênese do seu livro e sobre suas fontes históricas e bibliográficas, revela-se também espantado com a "diabólica lógica das coincidências," porque, seis meses após a publicação do conto,³ ele tomara conhecimento, através de um artigo intitulado "Archives," da existência de um "monstruoso monumento" semelhante ao seu "arquivo dos mortos," levado a cabo pelos mórmons e localizado em uma montanha em Salt Lake City, capital do estado de Utah. Nesse "subterrâneo," a "Sociedade Genealógica da Igreja dos Santos do Dia do Julgamento" conservava, na época da publicação do artigo [1981], os nomes de 18 bilhões de pessoas, vivas e mortas, cuidadosamente repertoriados através de um milhão e duzentos e cinquenta mil microfimes. A respeito dessa descoberta de um real tão fantástico quanto a obra literária, Leyla Perrone-Moisés afirma que mais interessante do que essa coincidência entre realidade e ficção é a coincidência do projeto de Danilo Kiš com o de outros "enciclopedistas apocalípticos" no universo da literatura. (1990, p.155). A essa observação, eu completaria ainda que um outro fator digno de "espanto" para o leitor de "A enciclopédia dos mortos (toda uma vida)" é o lugar contíguo que esse conto ocupa dentro da obra de Danilo Kiš, uma espécie de campo gravitacional da mesma, "um corpo negro," apontando para a expansão do universo ficcional do autor. No conto estão presentes, como pretendo evidenciar aqui, os elementos fundamentais para a conformação de seu projeto como escritor.

Resulta desse "ideal enciclopédico" uma marca recorrente de sua escritura vária e heteróclita, a alternância temática e formal de um livro a outro e principalmente em um mesmo livro. Em *Encyclopédie des morts*, por exemplo, cada conto exercita um código particular: a lenda, a carta, as memórias, a pesquisa filológica, o ensaio crítico, entre outros. A construção de seu projeto literário é marcada pela polifonia de estilos e registros. Como bem observa Leyla Perrone-Moisés: "de um romance a outro, de um a outro conto, Danilo Kiš muda de assunto, de técnica, de estilo, passando da narrativa mais tradicional a um requintado experimentalismo, do registro histórico ao fantástico, da transparência 'realista' à opacidade do texto poético." (1990, p.154)

² A ÚLTIMA tempestade. Direção: Peter Greenaway... (1991). Um dos 24 livros da personagem Próspero é justamente *Um inventário Alfabético da Morte*. Infinito e monstruoso, esse inventário traz os nomes de todos os mortos que viveram na terra, além de uma coleção de modelos de tumbas e columbários, lápides, sepulturas e sarcófago, entre outros elementos fantásticos. (Cf. MACIEL. Irrealidades virtuais (Peter Greenaway à luz de J. L. Borges), p.65-66).

³ Segundo Danilo Kiš, o conto "A Enciclopédia dos mortos" apareceu pela primeira vez em Belgrado em *Književnost* (Literatura), na edição de maio e junho de 1981, e um ano depois foi traduzido para o inglês e publicado no *New Yorker*, em 12 de julho de 1982. (Cf. KIŠ. 1985, p.182-183).

Como já foi anunciado, o "projeto louco," a "pulsão de inventarista" de Danilo Kiš é coincidente com o de outros "coleccionadores" do universo das artes. Dentre os autores que, apesar dos diferentes projetos, construíram a sua literatura fundada na crença em um livro total, cito: Victor Hugo, Honoré de Balzac, Mallarmé, Jorge Luis Borges, Georges Perec, Ítalo Calvino e Milorad Pávitch. O próprio autor, em suas diversas entrevistas e reflexões críticas, deixa entrever os seus possíveis precursores, a sua família literária.⁴ O escritor que, cronologicamente, primeiro aparece nesse "filão enciclopédico" forjado por Kiš é François Rabelais: "tudo estava em Rabelais: a língua, o jogo, a ironia, o erotismo e mesmo o famoso comprometimento... Depois, tudo se espalhou. Aqui, o jogo; lá, o comprometimento; aqui, a escritura; lá, o erotismo. O vaso se quebrou em mil pedaços." (KIŠ. Citado por RIZZANTE.. Disponível em: < <http://www.vox-poetica.com/crivains/KIS/rizzante01.htm> > [tradução minha]). Danilo Kiš reconhece e compartilha com Rabelais a aspiração permanente de tomar em uma única forma a totalidade do mundo a partir de uma pluralidade "vertiginosa" de pontos de vista. Ao mesmo tempo, preserva a consciência crítica – "o vaso se quebrou em mil pedaços" – da dimensão patética e grotescamente vã de se reencontrar o universal na obra romanesca, de se consignar todos os saberes humanos na forma concreta do Livro Total. Em Danilo Kiš, como em outros escritores do século XX, "o projeto enciclopédico do 'Grande Livro'" insurge, como bem o observa Maria Esther Maciel, "sob a perspectiva das idéias de descentramento e dispersão (...) como uma multiplicidade aberta e conjectural." (1990. p.3) Afinal, como construir uma visão total do mundo e do homem – à maneira dos projetos de Honoré de Balzac e Victor Hugo, por exemplo – quando se está condenado à fragmentação, à sensação das lacunas e perdas, à consciência de que não é possível selecionar nem registrar tudo; e quando a ilusão do olhar onisciente – o ângulo de Deus – e do imperativo psicológico se esfacela?

É a partir do século XX que vai se intensificando a certeza de que não é possível obter um espelho de um mundo movido através da catalogação de uma massa de saberes, da crença nos métodos e procedimentos retóricos. Por outro lado, tal questionamento de uma totalidade cerrada e o desejo de ultrapassagem das convenções literárias: "as piores e mais tenazes" (nas palavras do próprio Danilo Kiš) sob a forma do narrador onisciente e da estética e retrato psicológico das personagens, já é percebido em um romancista do século XIX, Gustav Flaubert, sobretudo nos livros *A tentação de Santo Antônio* e *Bouvard et Pécuchet*. Apesar de não poder romper de modo radical com a tradição da corrente realista no século XIX, Flaubert aparece nos comentários de Danilo Kiš como mais um perseguidor do "Livro Total," um perfeito precursor de Jorge Luis Borges:

Se Flaubert tivesse reduzido a gigantesca arquitetura de seu romance exótico a um conto [uma nota crítica] expondo o conteúdo de um livro fictício chamado *A tentação de Santo Antônio*. Se ele tivesse condensado a matéria de *Bouvard e Pécuchet* em um conto contendo, de maneira explícita, uma parte desta matéria (o que é fácil imaginar, porque Flaubert já possui a idéia borgiana de fazer falsas indicações bibliográficas passarem por reais), a literatura não teria esperado uma centena de anos para ver surgir as *Ficções* de Borges. (KIŠ. Citado por

⁴ Em 1986, por exemplo, em entrevista de Danilo Kiš a Leda Tenório da Motta, aparecem citados entre outros escritores: Dante Alighieri; Ivo Andrić; Isaac Babel; Roland Barthes; Charles Baudelaire; Jorge Luis Borges; Louis Ferdinand Céline; Miguel de Cervantes; Fiodor Dostoiévski; Marguerite Duras; Gustav Flaubert; Rubem Fonseca; Einrich Heine; Homero; Guillermo Cabrera Infante; Max Jacob; James Joyce; Attila Jozsef; Arthur Koestler; Conde de Lautréamont; Stéphane Mallarmé; Karl Marx; Vladimir Nabokov; Raduan Nassar; Ovídio; Edgar Allan Poe; Jacques Prévert; Marcel Proust; Raymond Queneau; François Rabelais; Sainte-Beuve; Claude Simon; Jean-Paul Sartre; Alexander Soljenitzin; Karlo Stayner; Leon Tolstoi; Miguel de Unamuno; Paul Verlaine; Marguerite Yourcenar. (Cf. KIŠ. A consciência de uma Europa oculta, p.2-5.) Grande parte das entrevistas e reflexões críticas de Danilo Kiš estão publicadas em *La leçon d'anatomie* (Cas anatomije, 1978); *Homo poeticus* (1983) e *Le résidu amer de l'expérience* (Gorki talog iskustva, 1990). Sobre essa parte da produção do autor, ver: SONTAG. *Questão de ênfase*, p. 125-131. Vale ressaltar que a escritora, que foi amiga de Kiš, organizou a edição americana de *Homo poeticus*, publicada em 1995.

RIZZANTE.. Disponível em: < <http://www.vox-poetica.com/escrivains/KIS/rizzante01.htm> > [tradução minha]).

Essa prefiguração do projeto borgiano na obra de Flaubert já aponta para o *topos* especial que Jorge Luis Borges ocupa no universo visionário da "Biblioteca Total," do "Livro Único," da "Enciclopédia das Enciclopédias," perseguido por Danilo Kiš. Este gostava de simplificar a sua complexa genealogia literária com a declaração emblemática de que era filho do escritor polonês Bruno Schulz com o argentino Jorge Luis Borges. Frases do tipo: "a história do conto pode ser dividida em duas épocas: antes de Borges e depois de Borges" ou "Bruno Schulz é meu Deus" são recorrentes nas entrevistas e reflexões críticas de Danilo Kiš. Através das referências à obra de Jorge Luis Borges e também à de Bruno Schulz, torna-se mais fácil compreender a origem de alguns procedimentos formais que Danilo Kiš lança mão em sua obra e entrever, como aludem alguns comentadores de sua literatura, o desenho de um programa estético. Tal programa pode se resumir em duas palavras, que também definem o projeto da Enciclopédia dos mortos: reduzir e condensar.

Reduzir a arquitetura do texto – "a gigantesca arquitetura" do romance do século XIX – e condensar a matéria da escritura romanesca. Através desses dois princípios, marcados por um cuidadoso trabalho de composição, Danilo Kiš manifesta o desejo de concentrar, em um reduzido número de páginas, o maior número de informação possível, de congregar toda uma "multidão de detalhes que compõem uma vida humana." em um verbete de enciclopédia, estabelecendo entre imagens heteróclitas, elementos dispersos do mundo, relações de analogia e de coincidência no espaço e no tempo; princípio este que se intensifica nos livros *Um túmulo para Boris Davidovitch* e *Encyclopédie des morts (Enciklopedija mrtvih..*

Assim, todo detalhe será essencial para a compreensão do conjunto dos fatos, como fica evidente através da leitura do conto "A enciclopédia dos mortos (toda uma vida)". Objetos, imagens, sensações ganham o primeiro plano, subverte-se a hierarquia entre objetos e sujeitos em favor de uma outra cena, armada a partir de um trabalho cuidadoso de descrição, através do qual as personagens, o mundo ganham vida.

Essa busca do detalhe, do "quase imperceptível" como elemento essencial para a compreensão da totalidade pode ser confirmada a cada página da obra de Danilo Kiš. Ao adentrar o espaço da "Enciclopédia dos mortos", a narradora-personagem perscruta, até o mínimo exato, a radiação das coisas –, o leitor não terá, por exemplo, um espelho das diversas guerras que, entre 1910 e 1979, período em que vive o pai da personagem, assolaram o território da Europa Centro-Oriental, mas encontrará uma possibilidade de experimentá-las sob a forma do "prisma." Experiência esta reduzida ao "quase imperceptível," embora mais significativa, porquanto exija do leitor, a partir das partículas mínimas, dos detalhes que compõem o universo da narrativa, uma "competência interativa" dos sentidos convocados a "ler e compreender"; "escutar e corresponder".

Por outro lado, toda essa preocupação que Danilo Kiš manifesta pelas questões técnicas e estilísticas não se reverte em mero virtuosismo ou puro exercício de estilo, como o foi para alguns escritores do século XX, mas revela-se também uma resposta ética. Kiš posiciona-se como um inventariante interessado na história dos homens comuns. (cf. PERRONE-MOISÉS, 1990. p. 157). Através de suas técnicas e artifícios, que se erigem dos eventos terríveis do século XX (as guerras, os campos, o extermínio sistemático), ele assume a tarefa de reduzir e condensar a complexidade do mundo, revelando toda a potência, a capacidade extrema dessa "nova modalidade de mal" de transformar o homem em coisa.

Referências Bibliográficas

- [1] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- [2] GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3.ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- [3] JOVANOVIĆ, Aleksandar. Danilo Kiš: memória, catástrofe e vazio metafísico. *Revista USP*, São Paulo, n.72, p. 108-120, dez./jan./fev. 2006-2007.
- [4] KIŠ, Danilo. *Encyclopédie des morts: nouvelles*. Trad. Pascale Delpech. Paris: Gallimard, 1985.
- [5] KIŠ, Danilo. *Jardim, cinzas*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- [6] KIŠ, Danilo. *Le Résidu amer de l'expérience*. Paris: Fayard, 1995.
- [7] KIŠ, Danilo. *Sablier*. Trad. Pascale Delpech. Paris: Gallimard, 1982. (Du monde entier).
- [8] KIŠ, Danilo. *Um túmulo para Boris Davidovitch*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- [9] KIŠ, Danilo. An interview with Danilo Kiš by Brendan Lemon. *The Review of Contemporary Fiction*, Dalkey, v.14, n.1, spring 1994. Entrevista concedida a Brendan Lemon. Disponível em: < http://www.centerforbookculture.org/interviews/interview_kis.html >. Acesso em: 06 jun. 2004.
- [10] KIS, Danilo. A consciência da Europa oculta. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 nov. 1986. Folhetim, p.2-5. Entrevista concedida a Leda Tenório da Motta.
- [11] MACIEL, Maria Esther. Irrealidades virtuais (Peter Greenaway à luz de J. L. Borges). VASCONSELOS, Maurício Salles; COELHO, Haydée Ribeiro(org.). *1000 rastros rápidos: cultura e milênio*. Belo Horizonte: Fale/UFGM, 1999. p.61-70.
- [12] PERRONE-MOISÉS, Leyla. O inventário de Danilo Kis. In:_____. *Flores da escrivania*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.152-158.
- [13] PROGUIDIS, Lakis. Danilo Kiš, portrait de famille. *Vox poetica: lettres & science humaines*, Paris, Alexandre Prstojevic editor, Disponível em: <<http://www.vox-poetica.com/ecrivains/KIS/proguidis01.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2002.
- [14] PRSTOJEVIC, Alexandre. Un certain goût de l'archive (Sur l'obsession documentaire de Danilo Kiš. *Fabula: la recherche en littérature*. Colloque en ligne *L'effet de fiction*, Paris; Quebec. Disponível em: <<http://www.fabula.org/effet/interventions/13.php>>. Acesso em 15 jun. 2005.
- [15] RIZZANTE, Massimo. De l'idéal encyclopédique. *Vox poetica: lettres & science humaines*, Paris, Alexandre Prstojevic editor, Disponível em: < <http://www.vox-poetica.com/ecrivains/KIS/rizzante01.htm> >. Acesso em: 19 fev. 2002.
- [16] SONTAG, Susan *Questão de ênfase: ensaios*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AUTOR

¹ **Leonardo Francisco SOARES, Doutor em Letras-Estudos Literários (Literatura Comparada)**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Programa de Pós-Graduação em Letras-Estudos Literários
leosoul@uol.com.br